

SC06. Discursos e Práticas Educacionais

Ednaura Almeida de Araújo

RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA NO CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SENADOR GUERRA (CAICÓ-RN)

*Aline da Silva Linhares¹
Kyara Maria de Almeida Vieira²*

RESUMO

O presente trabalho se propõe a discutir a experiência no Estágio Supervisionado de História, realizado no Centro de Ensino de Jovens e Adultos Senador Guerra (Caicó-RN). A pesquisa foi realizada em diferentes frentes: pesquisa de campo participante na escola, questionários respondidos pelos/as alunos/as, professora tutora e diretor da escola, além da produção/realização de uma oficina sobre a História dos Hebreus. Diante disto, pretendemos analisar os desafios para o Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (1º ano do Ensino Médio), pautando-nos nas seguintes problematizações: quais representações foram construídas sobre a Educação de Jovens e Adultos na referida escola? Quais as possíveis relações entre o conhecimento acadêmico e sua operacionalização na escola básica? Quais as demandas e provocações inspiradas por essa experiência no Estágio em História? Assim, ao compartilhar nossa trajetória, pretendemos contribuir com as discussões sobre a formação e a prática docente, os desafios para a Educação de Jovens e Adultos, tentando ir além dos discursos generalizantes de pessimismo e acomodação, ou ainda, no outro polo, dos discursos idealizadores de uma educação perfeita. Portanto, nosso trabalho pretende analisar as limitações, mas também destacar as conquistas observadas em nossa experiência do Estágio de História.

Palavras-chave: História; Ensino; EJA.

A sociedade passa por grandes transformações e a educação continua sendo creditada como o meio para que os sujeitos alcancem melhores condições de vida, como também, sejam capazes de conhecer a realidade e transformá-la. Apesar de a Constituição Federal de 1988, garantir em seu Artigo 205, que a educação é um direito de todos/as, esta não ocorre de fato, pois assim como a exclusão ocorre no meio social, acontece também no meio educacional, como é o caso de jovens e adultos, que por vários motivos não frequentaram a escola em tempo considerado regular.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996), estabelece que é dever dos pais matricular seus filhos em escolas básicas a partir do

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN-CERES)

² Universidade Federal de Campina Grande (PNPD/UFCG)/Grupo Flor e Flor-Estudos de Gênero (UEPB/CNPq)

6 (seis) anos de idade, onde a duração da formação é de 9 (nove) anos. Entretanto, ao longo das visitas realizadas na escola e das conversas com a professora tutora, a direção e 20 (vinte) alunos/as, percebemos que muitos são os motivos que contribuem para que os alunos da educação de Jovens e Adultos (EJA) não ingressem no período regular de alfabetização, dentre eles, porque desde cedo tem que trabalhar para suprir necessidades básicas, como a alimentação, por exemplo, o que leva ao abandono escolar por parte daqueles que haviam dado início aos estudos. Esse elemento compõe as experiências da maioria desses/as alunos/as, fazendo com que, muitas vezes, sejam desmotivados/as e/ou sintam-se incapazes de adquirir conhecimento.

Por outro lado, ao acompanharmos a gestão da escola e os educadores, percebemos em suas falas que ambos são desmotivados ao ensinar alunos da EJA, o que provoca ressonâncias na sua maneira de operacionalizar as aulas e na sua relação com os temas a serem trabalhados. Certamente essa desmotivação não passa despercebida pelos/as educandos/as. O texto de Sandra Mara Corazza (*“Por que somos tão tristes?”*) nos possibilita pensar sobre tais experiências, quando a mesma questiona por que os educadores são tristes ao ensinar, e afirma que “se trata de uma tristeza imensa, tão duradoura, que nos leva à exaustão, desejar que chova muito para irem poucos alunos à aula, que haja greve, que cheguem logo o término do turno, ou, melhor ainda, as *Abençoadas Férias*.” (CORAZZA, 2008, p.1)

Ao estagiar no Centro de Ensino de Jovens e Adultos Senador Guerra (Caicó-RN), no mês de Outubro de 2014, vários foram os desafios encontrados durante o trajeto da prática de ensino. Tais desafios nos levaram a pensar em algumas questões: Quais os desafios da experiência de ser estagiária? Quais narrativas foram construídas sobre a Educação de Jovens e Adultos na referida escola? Quais as possíveis relações entre o conhecimento acadêmico e sua operacionalização na escola básica? Quais as demandas e provocações inspiradas por essa experiência no Estágio em História?

O estágio na escola Senador Guerra foi desenvolvido por 4 (quatro) estagiários, onde teríamos que observar o discurso pedagógico da escola, como se dava o processo de ensino-aprendizagem entre alunos/as e professores/as; por fim, elaboramos uma oficina para ser desenvolvida com a turma. Mas, antes de enveredarmos na discussão sobre a experiência do estágio, é preciso compartilhar alguns aspectos do funcionamento do Centro de Ensino de Jovens e Adultos Senador Guerra, que está situado na Praça Dr. José Augusto, conhecida também como Praça da Alimentação, no centro de Caicó/RN, s/n. O contato com a escola aconteceu desde 2013, tendo em vista que foi nessa instituição que ocorreram o primeiro e

segundo estágios. A escola Senador Guerra, como é mais conhecida, atua nas modalidades de ensino Fundamental e Médio, destinando-se à Educação de Jovens e Adultos (EJA), funcionando os 3 (três) horários (manhã, tarde e noite); possui um quadro de 22 (vinte e dois) professores e 4 (quatro) dependências administrativas. A atual diretora é a senhora Marta Geruza da Costa Oliveira, que assumiu a direção em 2013.

A escola Senador Guerra oferece educação básica para a formação de cidadãos, e entre suas práticas está a organização de uma semana pedagógica no início do ano letivo, que ocorre antes de começarem as aulas, para integrar e discutir entre professores/as o desenvolvimento das atividades pedagógicas da escola. Nessa semana ocorre a participação do quadro docente de toda a escola, incluindo a direção e a coordenação. Além disso, a escola realiza também o planejamento bimestral, contando com a participação dos coordenadores, professores, direção e inspeção escolar. Percebe-se ainda que há, por parte da equipe técnico-administrativa, o estímulo ao trabalho coletivo na escola a partir de reuniões e projetos, bem como, há um acompanhamento das ações docentes por parte do apoio pedagógico e da coordenadora pedagógica. Pedagogicamente, a escola trabalha temas transversais que são inseridos de forma individual em cada disciplina.

Entretanto, a mesma tem algumas dificuldades, como por exemplo, a motivação de seus alunos perante os estudos, pois muitos deles escolhem estudar na instituição não tendo como objetivo adquirir conhecimento, mas para terminar os estudos mais cedo, por ser uma instituição que trabalha com o supletivo, onde são ministradas 2 (duas) séries em um ano. Além disso, ainda não possui uma sala de informática, pois sabemos que o acesso à internet, atualmente, é um dos meios que auxiliam os/as professores/as no processo de ensino-aprendizagem. Por outro lado, em nossas observações na escola, diagnosticamos nos relatos não só da professora da disciplina de História, mas de professores/as de outras disciplinas, que estes se mostram desanimados com Educação de Jovens e Adultos. Para esses/as professores/as a grande maioria dos/as alunos/as não se interessa pela aquisição de conhecimento.

Após conhecer o funcionamento da escola, marcamos uma conversa com a professora-tutora, a senhora Eneide Araújo de Barros, que foi a responsável pelo acompanhamento durante o estágio na escola. Conhecer a professora foi importante, pois, a partir desse contato verificamos sua postura didática, o que ela pensa sobre o ensino da EJA, bem como a relação da mesma com seus/suas alunos/as. A professora nos falou sobre o desinteresse da turma em relação às aulas de História, e não nos tolheu em relação à forma que deveríamos trabalhar.

Em nossa aula de observação, notamos que a professora Eneide tinha uma boa relação com os alunos, o que é imprescindível para haver um ambiente agradável e amigável para a produção de conhecimentos. Além disso, a professora se mostrou muito capacitada, dominando os conteúdos que expôs, ao mesmo tempo em que foi solícita para com alunos/as. Essa boa relação entre alunos/as e professores/as é importante, pois como sabemos esses jovens e adultos “buscam a liberdade de sua realidade de discriminação que vivenciam constantemente através de um contato amigável com o docente.” (PEDROSO, S/D, p.4)

Em um dos encontros com a professora-tutora, que ocorreu na escola Senador Guerra, no dia 03 de abril de 2014, a mesma relatou que a maioria dos alunos da modalidade EJA, está em sala apenas para concluir o ensino para que possam entrar no mercado de trabalho. Essa ideia é corroborada por Pedrosa (S/D, p.3), quando diz que

(...) contextualizando a realidade social do jovem e adulto, percebe-se que ele procura condições de vida melhor, através da educação, para isso busca numa idade mais avançada a alfabetização que não teve anteriormente. Assim, vê nessa alfabetização a solução para a maior parte das dificuldades de sua vida.

De acordo com a professora, os/as alunos/as têm muitas dificuldades, sendo a principal delas a fragilidade na leitura e na escrita. Constatamos essas dificuldades mencionadas pela professora, através de observações realizadas na turma, dos questionários respondidos pelos/as alunos/as em abril de 2014. Além disso, nós estagiários estávamos presentes quando a professora-tutora passou uma atividade para os/as educandos/as, momento em que os/as mesmos/as responderiam questões sobre o Egito. Nesse momento, verificamos que alunos/as demonstram dificuldades em expressar suas ideias, pois apenas transcreveram para o papel o conteúdo do livro didático, ou chegaram a transcrever a atividade do colega. Percebemos também que, a maioria dos/as alunos/as não lê o conteúdo do livro, e querem uma resposta pronta, chegando ao ponto de perguntarem a professora, onde está a resposta para as questões.

As dificuldades mencionadas acima podem ser verificadas através das respostas dadas pelos educandos/as, pois, questionados/as sobre o que achavam que poderia ser melhorado na comunidade, um aluno respondeu: “eu gostaria que poderíamos da mais educação para aqueles meninos que vivem nas ruas” (sic). Outro aluno disse: “tudo e um pouco mais”. Diante desses relatos, nota-se, portanto, que aluno/as não têm uma capacidade de escrita adequada para a série que estão cursando, tendo em vista que são aluno/as de 1º ano do Ensino Médio. Como também, mostra que aluno/as demonstram dificuldades em expressar

suas ideias, e essas dificuldades consequentemente se refletirão no modo desses alunos expressarem suas vontades e opiniões perante a própria sociedade.

A falta de leitura dos/as alunos/as fez com que a professora Eneide deixasse a metodologia avaliativa a partir de seminários em sala de aula, pois não poderia contrariar os interesses da turma, já que os alunos não compareciam às apresentações dos seminários. Em nossas conversas com a professora Eneide, na escola Senador Guerra, em abril de 2013, questionamos sobre quais assuntos mais interessavam aos alunos/as, e a mesma chegou a conclusão que não poderia responder tal questionamento, tendo em vista que os/as alunos/as não têm hábito de leitura e que os mesmos não participam das aulas.

Podemos perceber diante disso, que o processo de ensino-aprendizagem é uma educação bancária, em que os/as alunos/as só recebem o conhecimento e não intervêm no processo de produção de conhecimento, estes/as não fazem questionamentos e estão ali como meros receptores do que a professora fala, não havendo, portanto, uma interação entre alunos e professora, distanciando-se da possibilidade de “reconceitualizar a aula como espaço de compartilhamento de experiências individuais e coletivas, de relação dos sujeitos com os diferentes saberes envolvidos na produção do saber escolar.” (SCHMDT; GARCIA, 2005. p. 299).

As observações na escola Senador Guerra foram de suma importância para ampliar nossas percepções sobre as experiências na Educação de Jovens e Adultos, já que analisamos os métodos do processo de ensino-aprendizagem da professora e da turma, o que nos deu possibilidade para percebermos as dificuldades e inquietações que ambos enfrentam nesse processo, e assim, procurar mecanismos para fazer com que as aulas sejam dinâmicas e que os mesmos interajam tanto com o professor como também uns com os outros. Além disso, a observação nos mostrou que há entre alunos/as, gestores e educadores da escola, uma situação de desânimo, de descrédito.

É importante destacarmos que o Ensino de Jovens e Adultos apresenta vários desafios, e um deles se refere ao contexto social dos alunos. Como mencionado anteriormente, muitos estão ali para terminar os estudos de maneira mais rápida com o objetivo de encontrar melhores colocações no mercado de trabalho. Nesse sentido, Moacir Gadotti, afirma:

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador - às

vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego (...) (GADOTTI, 2008, p. 31 apud PEDROSO, S/D, p.2).

Assim, nós enquanto educadores, poderíamos procurar meios para que os alunos/as não sentissem nosso desestímulo frente ao desinteresse ou desmotivação deles/as. Desse modo, ao ir para a escola esses alunos encontrarão “meios para permanecerem e se sentirem integrados, ou seja, sentindo-se entre amigos e com prazer de estarem ali” (NEY, 2008, p.102).

Ainda na observação da turma do 1º ano do Ensino Médio, alunos/as se mostraram calmos/as, todavia, ficou evidente que os mesmos não gostam das aulas de História. Mas, pensamos que o ensino de História é de fundamental importância para a formação do indivíduo, mesmo em tempo tão fluidos e de intensa circulação de pessoas, informações, produtos. Desse modo “o professor de história [...], faz com que o aluno não apenas compreenda, mas que assimile, incorpore e reflita sobre os ensinamentos de variadas formas.” (FONSECA, 2003, p.70). Com base nessa afirmativa, pode-se pensar que o ensino de História pode vir a ser um espaço para que o indivíduo adquira meios para problematizar a forma de ver e entender o mundo, como também tem impacto nas suas concepções, atitudes e valores, portanto, “Ensinar História passa a ser dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História” (SCHMIDT, 1996 Apud AGOSTINI; PAIM, 2006, p.189).

Portanto, sabedores do lugar que a História pode vir a ocupar na formação do indivíduo, montamos/ organizamos uma oficina sobre o Povo Hebreu, pois é imprescindível que alunos/as estejam cientes da História destes, tendo em vista que o conhecimento mais aprofundado acerca desse povo faz com que o aluno compreenda a importância destes para a formação da etnia judaica e israelita, assim como percebam as contribuições dos mesmos na construção do cristianismo, do judaísmo e do islamismo. Nesse sentido, é imprescindível que os alunos saibam da importância cultural e o legado dos hebreus para a sociedade contemporânea, como por exemplo, a formação do monoteísmo moral e ético, como também instigar os alunos a refletir sobre as origens dos Hebreus, tendo como fonte de referência os textos bíblicos e as produções de mídia referentes a esse povo.

Cientes dos desafios encontrados na Educação de Jovens e Adultos, enquanto educadores, buscamos alternativas para despertar o interesse dos/as alunos/as no processo de ensino-aprendizagem, trazendo esses/essas alunos/as para a construção da aula, pois acreditamos que essa seria uma das possibilidades para motivá-los. Assim, ao invés de

fazermos uma aula em que apenas nós exporíamos o assunto, pensamos que as novas tecnologias nos auxiliariam na oficina.

Assim, refletimos de que forma nós futuros/as professores/as de História poderíamos ensiná-la: “quais os temas, as fontes, os materiais, os problemas que escolhemos para fazermos as mediações entre o passado e o presente vivido por nós?” (SILVA; FONSECA, 2010.p.16). Desse modo, seria interessante levar para a sala de aula, diferentes meios que façam com que os/as alunos/as se interessem pelo assunto e vejam na disciplina de História a experiência de homens e mulheres no tempo, como também “entender que a história estuda a vida de todos os homens e mulheres, com a preocupação de recuperar o sentido de experiências individuais e coletivas.” (SCHMIDT; GARCIA, 2005, p. 299)

Nesse sentido na oficina realizada na turma do 1º ano do Ensino Médio, na escola Senador Guerra, foi utilizado como forma de motivar o interesse dos alunos, um vídeo-aula animado que através de desenhos de personagens bíblicos, contava a história dos Hebreus. Essa escolha metodológica levou em consideração que “nossa memória visual é muito mais duradoura que a memória textual” (JOHNSON, 2001, p.15 Apud SILVA, p.8). O recurso utilizado em sala está em consonância com as novas formas de se trabalhar o ensino de História, de modo que:

Desde as primeiras décadas do século XX, educadores preconizam a utilização do cinema como importante recurso didático no ensino de História, alguns ancorados na ideia de reprodução fiel do acontecimento passado. Mas, além disso, o cinema cria possibilidades de construção do conhecimento histórico escolar, pois o filme em sala de aula mobiliza operações mentais que conduzem o aluno a elaborar a consciência histórica, forma de consciência humana relacionada imediatamente com a vida humana prática, e que se constitui, em última instância, no objetivo maior do ensino de História (ABUD, 2003, p. 183).

Como forma de fazer com que os alunos ficassem mais próximos do tema abordado, pois devemos estabelecer “relações com o cotidiano dos alunos e dos professores, bem como com o cotidiano de outras pessoas, em outros tempos e lugares” (SCHMIDT; GARCIA, 2005.p.303-04), eles foram incentivados a analisar e expor suas ideias em relação aos códigos e valores éticos criados pelo Povo Hebreu e que permanecem até hoje (como por exemplo, o fato de roubar e ser punido por isso). Nossos desafios começaram no início da aula, pois muitos alunos estavam em conversas paralelas e mais a frente quando passamos o vídeo, um dos alunos retirou-se da sala, porque não gostou da metodologia, o que nos deixou tristes e com receio de que outros/as alunos/as o acompanhasse. Todavia, não foi o que ocorrera, pois

a oficina foi bem sucedida em relação aos alunos/as que permaneceram em sala. Esses/as participaram das discussões, fizeram questionamentos, ficaram curiosos a respeito do tema abordado.

Se por um lado, provamos o sabor amargo de passar dias estudando para ministrar uma oficina, procurando meios de fazer com que a mesma fosse produtiva, mas de forma leve e alegre, e víamos alunos/as sem interesse, dormindo nas carteiras, sem prestar atenção aos que estava sendo exposto, problematizado; por outro lado, provamos o doce sabor de ter alunos/as envolvidos e gostando da aula. Alunos/as que não queriam que saíssemos da sala, que nos perguntavam se não poderíamos ficar ministrando aula para eles/as. Saímos da sala percebendo como era desafiante para educar/as não desanimar frente ao desinteresse de alguns alunos/as, mas também sentimos o quanto é gratificante sentir o envolvimento, a participação nem que seja de apenas um/a aluno/a.

Além de utilizarmos o livro didático do Ensino Médio “História: das cavernas ao Terceiro Milênio” (2010) de autoria de Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota, para a elaboração da oficina sobre os Hebreus, houve a preocupação de não colocar de lado os autores e as discussões realizadas no âmbito acadêmico, pois devemos aliar a teoria à prática. Nesse sentido, tomamos como referência a obra “As Primeiras Civilizações” (2006), escrita pelo autor Jaime Pinsky, em que o mesmo destina um capítulo do livro para discutir e analisar a história do povo Hebreu. Como também as discussões de Mário Curtis Giordani, que pesquisa a “História da Antiguidade Oriental”, onde o mesmo discute a respeito da “origem” dos Hebreus, nos colocando a pensar sobre seus costumes, a estrutura social e sua organização política.

Levar as discussões do ambiente acadêmico para a sala de aula, mostrou que foi possível aliar a teoria estudada na Universidade para a prática na sala de aula, já que este é um dos grandes problemas enfrentados pelos estagiários, pois “há uma grande contradição entre teoria e prática nos cursos de licenciatura.” (REGO, 1993 Apud AGOSTINI; PAIM, 2006, p.188)

Um dos desafios enfrentados por professores/as é fazer com que alunos/as percebam que o conhecimento histórico nos dá possibilidade de compreendermos não só os processos e os sujeitos históricos, mas também, as relações humanas em momentos distintos. É importante sugerir caminhos para que os alunos se tentem se reconhecer como sujeitos históricos, analisando a complexidade das relações sociais presente no seu cotidiano e na sociedade. Nesse sentido, cabe a História “um papel educativo, formativo, cultural e político, e sua

relação com a construção da cidadania perpassa diferentes espaços de produção de saberes históricos.” (SILVA; FONSECA, 2010, p.24). Desse modo, mesmo com o desinteresse mostrado pela maior parte dos alunos, nós enquanto mediadores de saber, que acreditamos no poder do ensino e que através dele os sujeitos adquirem uma postura crítica em relação à sociedade em que vivem, poderíamos colocar como aqueles que “atravessam os muros, deslocam os limites, transformam o ofício de educar em um sistema solar e planetário, vivo e móvel” (CORAZZA, 2008, p.3).

Assim, o Estágio Supervisionado se constituiu como um “divisor de águas” na nossa graduação, já que, através dele tivemos as primeiras noções de como é estar professor na prática. Além disso, nos mostrou os desafios, mas também as conquistas adquiridas no processo de ensino-aprendizagem. No estágio nos deparamos com a realidade escolar, da sala de aula, como também, a realidade de cada indivíduo, além de verificarmos o acerto de nossa escolha profissional. Foi a oportunidade que tivemos para desenvolver o conhecimento adquirido e problematizado no ambiente acadêmico, a partir da leitura e discussão de teóricos que servirão de base e influência para o desenvolvimento da prática docente.

A oficina realizada na turma do 1º Ano do Ensino Médio, na Escola Senador Guerra, deu possibilidade para nos familiarizarmos com as práticas desse nível de ensino. Mas, também foi relevante para que tivéssemos contato com alguns dos desafios de ensinar na modalidade EJA. Constatamos que há um grande desestímulo por parte dos alunos que podem estar associados a problemas de ordem pessoais que se refletem na vida escolar. Mas, também notamos que, naquela sala, tinham alunos/as ávidos pelo conhecimento, por compartilhar saberes. Experiência que não é exclusiva da EJA, mas que pode ser percebida em vários níveis do ensino, inclusive na própria academia, tendo em vista que variados são os motivos levam/e mantem as pessoas nos bancos escolares.

Diante disso, podemos concluir que a experiência que ganhamos durante o estágio é uma lição para nós futuros professores e enquanto alunos dentro do ambiente acadêmico, pois é dessa forma que vamos descobrindo nossa “vocação” para a profissão e descobrir também que é uma longa jornada que precisa de planejamento, estudo, prática e vontade de ensinar.

Por fim, percebemos que por mais que haja desestímulo, cansaço por parte de nós educadores/as, não podemos passar esses sentires para nossos/as alunos/as, pois isso faz com que o trabalho realizado em sala seja, na maioria das vezes, improdutivo, cansativo, triste. Ao entrarmos na sala de aula, tentamos fazer dela uma poesia, que encanta e torna os assuntos mais densos uma leve melodia. Entramos em sala com o desejo de não apenas “jogar” os

conteúdos para os alunos, mas fazer da aula um momento de discussão, de troca de experiência e aprendizado. Em nossa oficina tentamos, de alguma forma, entrar em sala com alegria, chamando os alunos a fazer uma viagem no tempo, mergulhar na história de sociedades e perceber as transformações e/ou permanências. Porque em nossa profissão queremos ser/estar:

Professores do Desejo: este é seu nome, guerreiros, vitais, cósmicos, alegres, afirmadores do múltiplo, do devir, do acaso, que através das doenças do vivido, vivem a saúde da sua profissão. Com uma serenidade que serena a mortificação, tantas vezes reproduzida, eles amam o que há de mais vivo no que fazem, inclinam-se sobre a beleza de educar, abraçam a vida, fornecem exemplo de criação e da alegria de viver, pelas suas próprias vidas, mais do que pelos livros e palavras (CORAZZA, 2008, p. 3-4).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINI, Sandra. PAIM, Elison Antônio. **Estágio: contribuições para a formação do professor de história.** Londrina: História & História. v, 12, p. 187-202, ago. 2006. Texto disponibilizado na disciplina Estágio Supervisionado I, pela professora Jossefrania Vieira Martins.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Por um ensino que deforme:** o docente na pós-modernidade. p.1-4. Disponível em: <http://www.cnslpb.com.br/arquivosdoc/MATPROF.pdf>. Acesso em: 18 de Agosto de 2013
- BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. **História:** das cavernas ao terceiro Milênio. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2010.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Por que somos tão tristes?** Brusque, 2008.p.1-4. Disponível em: https://www.unifebe.edu.br/04_proeng/formacao_continuada/2008_2/material_palestras/porque_somos_tao_tristes.pdf. Acesso em 30 de Novembro de 2013 às 14h:58min
- FONSECA, Selva Guimarães. Como nos tornamos professores de História: a formação inicial e continuada. IN:_____. **Didática e prática de ensino de história:** experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2003.p.59-87.
- GIORDANI, Mário Curtis. **História da Antiguidade Oriental.** 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes Ltda, 1977. p. 226-255.
- NEY, Antonio. **Educação Básica.** IN_____. Política educacional: organização e estrutura da educação brasileira. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2008.p.99-106.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. **A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, 2005, p.297-308.
- SILVA, Marcos. **Ensino de História e novas tecnologias.** p.1-20. Texto disponibilizado pelo Professor Diego Marinho de Goes á disciplina Estágio Supervisionado em História II.
- SILVA, Marcos Antônio. FONSECA, Selva Guimarães. **Ensino de História hoje:** errâncias, conquistas e perdas. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, nº 60, 2010.p.13-33.
- PEDROSO, Sandra Gramilich. **Dificuldades encontradas no processo de educação de jovens e adultos.** p. 1-9. Disponível em: <http://www.catedraunesco.org/GT05/COM/COM019.pdf>. Acesso em: 30 de Novembro de 2013.

PINSKY, Jaime. Os Hebreus. In_____ **As Primeiras Civilizações**. 23 ed. São Paulo: Contexto, 2006.p.105-20.